



Mapeamento de possíveis canais de comercialização para frutas nativas no estado do PR.

Mapping of possible commercialization channels for native fruits in the PR state.

CAMPOS, Jailson Nunes¹; SILVA, Lilian Aline Candida²; LIZARELLI, Heitor Flores³, TEIXEIRA, Valdinei Marcal⁴, VIEIRA, Alan Douglas⁵, PEREZ-CASSARINO Julian⁶

¹ Lab. Vivian de SAFs, UFFS, jailsoncampos75@gmail.com; ² Lab. Vivian de SAFs, UFFS, lilian.aline.candida@gmail.com; ³ Lab. Vivian de SAFs, UFFS, heitorflores98@gmail.com; ⁴ Lab. Vivian de SAFs, UFFS, valdineimarcal580@gmail.com; ⁵ Lab. Vivian de SAFs, UFFS, alanbrasil788@gmail.com; ⁶ Lab. Vivian de SAFs, UFFS, julian.cassarino@uffs.edu.br

Eixo temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica

Resumo: O presente trabalho apresenta dados preliminares de pesquisa em andamento cujo objetivo geral é realizar levantamento do perfil e canais de comercialização possíveis de serem acessados com os produtos oriundos das frutas nativas do território Cantuquiriguaçu-PR. Quanto a metodologia foram realizados, mapeamento de canais de comercialização através da internet, além de entrevistas com gestores de estabelecimentos, para identificação de possibilidades de comercialização das frutas nativas. Como processo conclusivo, elencamos que as mesmas tem potencial de comercialização, porém necessitam de mais estruturação, divulgação e logística, além do apoio de políticas públicas, para que tenham efetividade.

Palavras-chave: soberania alimentar, agricultura familiar, preservação de florestas, comunidades tradicionais;

Keywords: food sovereignty, family farming, forest preservation

Introdução

O consumo de frutas nativas encontra-se associado ao atraso e à rusticidade, fazendo com que junto com a perda dos sabores, se perca também a importância das árvores nos sistemas de produção, levando ao corte dos indivíduos e perda de cobertura florestal.

Nesta relação entre cultura e hábitos alimentares, sistemas de produção e conservação ambiental, as frutas nativas deram espaço às culturas anuais de exportação, fundamentalmente a soja. O território da Cantuquiriguaçu no estado do Paraná se caracteriza por ter um dos mais baixos índices de desenvolvimento humano (IDH) do Estado, sendo uma região pouco desenvolvida, mas com forte presença da agricultura familiar, movimentos sociais do campo e de povos e comunidades tradicionais, tais como quilombolas, terras indígenas (kaingang e guarani) e contando com a presença de faxinais. Foram identificadas 25 áreas prioritárias com cobertura de Floresta com Araucária para conservação no estado do Paraná e, dentre essas, sete estão na região do ecótono, sendo três compostas por municípios do território da Cantuquiriguaçu (CANOSA, 2016).



A característica de ecótono entre a Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Estacional Semidecidual permite o desenvolvimento de uma grande diversidade de espécies florestais, com a ocorrência de várias espécies frutíferas nativas, entre as quais pode-se destacar a: guabiroba (*Campomanesia xanthocarpa*), pitanga (*Eugenia uniflora*) araçá (*Psidium cattleianum*), araticum (*Annona sylvatica*), uvaia (*Eugenia pyriformis*), cereja-do-mato (*Eugenia involucrata*), butiá (*Butia eriospatha*), murta (*Blepharocalyx salicifolius*), guabiju (*Myrcianthes pungens*), ingá (*Inga marginata*) e mesmo a araucária (*Araucaria angustifolia*), da qual não se aproveitam os frutos, mas sim, as sementes.

O Laboratório Vivan de Sistemas Agroflorestais da UFFS, em parceria com o Ceagro, ONG da região e o Núcleo Luta Camponesa da Rede Ecovida de Agroecologia, vem trabalhando há dois anos no resgate, valorização e fomento à cadeia de produção, processamento e comercialização das frutas nativas.

A comercialização se apresenta como um dos principais entraves ao desenvolvimento da cadeia produtiva das frutas nativas, por representar um produto novo e inovador, que demanda um trabalho junto à comunidade local e regional para resgatar saberes e hábitos alimentares que possibilitem a criação de um mercado consumidor para os produtos das frutas nativas. Assim, esse trabalho busca mapear as possibilidades de comercialização dessas frutas.

Metodologia

Para o presente estudo foram mescladas ferramentas de pesquisa qualitativa em diálogo com estudos de prospecção de mercados. para tanto trabalhou-se diferentes processos metodológicos

Assim temos a Caracterização e delimitação do perfil de mercados potenciais a realizando a categorização dos tipos de mercados passíveis de absorverem produtos das frutas nativas. A partir de diálogos com técnicos locais, gestores de comercialização de outras cadeias de frutas nativas e com os grupos de agricultores envolvidos.

Outro processo realizado trata-se do mapeamento de canais de comercialização existentes na Cantuquiriguaçu e nos quatro grandes e médios centros urbanos mapeados em função da proximidade e capacidade de absorção de produção, sendo eles Curitiba, Guarapuava, Cascavel e Foz do Iguaçu. Dentre os tipos de estabelecimentos foram selecionados, restaurantes naturais, pousadas e hotéis, sorveterias, lojas de produtos naturais e loja de produtos orgânicos.

A partir do mapeamento tem sido realizado um diálogo com canais para levantamento de interesse, volume e periodicidade da demanda. A partir desse



diálogo está sendo realizado um catálogo que futuramente será disponibilizado aos grupos envolvidos.

Resultados e Discussão

As questões socioambientais, como as que envolvem as frutas nativas, cada vez mais são tratadas de forma multidimensional, isto é, não podem ser analisados exclusivamente do ponto de vista biológico ou social, mas sim na junção destes aspectos. Santos e Meneses (2010), Quijano (2005), Dussel (1993), afirmam que vivemos num período marcado pelo pensamento colonial, marcado pelo predomínio e supremacia da lógica ocidental sobre as demais formas de construir o conhecimento e pensar e organizar a sociedade.

Esse pensamento se consolida no rural a partir da imposição da chamada 'revolução verde', impondo, junto aos seus pacotes tecnológicos e financeiros, uma forma única de pensar e organizar a atividade agrícola. Esta forma excluiu do cenário os saberes construídos por milhares de anos pelas comunidades rurais, ou melhor, apropriou-se dele, e redefiniu sua linguagem nos termos do pensamento socialmente 'aceito'. Já são amplamente debatidos os efeitos negativos deste modelo em termos ambientais, sociais e econômicos. Sua configuração atual, passa pelo que Ploeg (2008) definiu como 'Impérios Alimentares', formas de organizar a atividade agroalimentar que impõe um modelo de gestão, técnica e operação das diversas etapas do sistema alimentar, centrado na lógica agroindustrial.

Nessa perspectiva podemos colocar algumas situações envolvendo a temática deste trabalho, onde a guabiroba por exemplo tem sido considerada comida de porco, apresentando um modo pejorativo sobre o uso dessa fruta, demonstrando uma desqualificação, inclusive do processo histórico que se configura, no modo de viver dos povos tradicionais.

Agregue-se a esta realidade o intenso processo de concentração corporativa nos mais diversos setores do sistema agroalimentar (SAA), onde as 10 maiores redes varejistas controlam 40% do mercado de alimentos das 100 maiores, sendo que no Brasil, somente 5 grandes redes controlam 46% do mercado nacional (PEREZ-CASSARINO, 2013).

Nesse sentido, faz necessário buscar meios de aproximar agricultores e consumidores ou minimamente construir pontes que venham favorecer o estabelecimento de uma rede que valorize todo conhecimento e a preservação de valores relacionados a cultura e o meio ambiente. Pois, entende-se que mesmo sendo apresentado aqui dados preliminares em relação ao desenvolvimento deste trabalho é perceptível que o mercado já tem estado aberto para iniciativas como essas no sentido de valorizar o conhecimento milenar atrelado a esses produtos.



No presente momento, cerca de duas toneladas de produto de frutas nativas congelado estão sendo comercializados ao ano na região, entre feiras e eventos, alimentação escolar, pequeno varejo, universidade e outras iniciativas. Porém, este volume é insuficiente ante o potencial de produção na região e a necessidade de estruturação da cadeia produtiva. Para tanto, procedeu-se, então, ao mapeamento de possibilidades de comercialização na região.

Ao concluir o processo de mapeamento dos estabelecimentos com perfil, foram sondados até o momento um montante de 60 estabelecimentos mapeados (tab.01), em três cidades diferentes, sendo Guarapuava, Cascavel e Curitiba, tendo como retorno de interesse em comercializar frutas nativas um total de 11 estabelecimentos, e um volume aproximado de possível consumo de 410 kg de polpas por mês.

Municípios	Sorveterias	Restaurantes naturais vegetarianos	Pousadas/ho e téis fazenda	Loja de produtos naturais
Cascavel	7	5	3	7
Guarapuava	8	2	5	9
Curitiba	0	0	0	14

Tabela 1. Estabelecimentos Levantados

Fonte: Dados da pesquisa.

Embora do ponto de vista dos grandes comércios o volume de vendas ainda tem pouca representatividade, cabe ressaltar conforme já apresentado neste trabalho, que essas frutas em geral, foram perdendo seu caráter de importância no processo alimentar, ou seja, acabam se perdendo dentro da unidade de produção, mesmo tendo um potencial para uso comercial. Portanto nesse sentido entende-se, que mesmo havendo um volume baixo de interesse, esse é um mercado em potencial. Uma vez que, não ocorre atualmente um processo de divulgação massiva, ainda assim, apresenta capacidade de venda em 18,3% dos dados levantados (fig. 01).

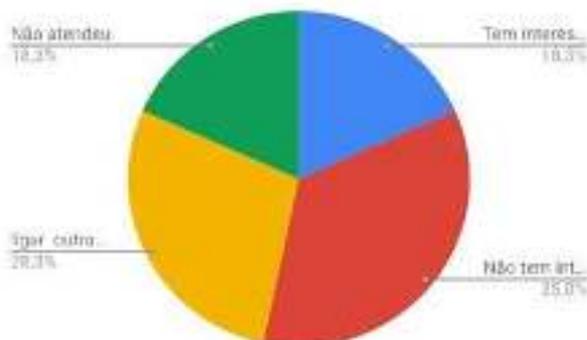


Figura 01. Mapeamento de estabelecimentos com potencial para comercialização de frutas nativas.

Fonte: Dados da pesquisa.

Outra questão que cabe pautar no levantamento das entrevistas realizadas, diz respeito à certificação, ao serem indagados o sobre a necessidade do produto apresentar ou não o selo de certificação orgânica a grande maioria expressou que receberia somente produto certificado. No entanto cabe destacar que alguns dos entrevistados, além de não fazer a exigência do selo, responderam que esses produtos, já trazem consigo um signo carregado de cultura camponesa, preservação ambiental entre outros.

Conclusões

Diante dos resultados apresentados, conclui-se que as frutas nativas se configuram como elementos estratégicos, para o desenvolvimento da agricultura familiar na região. Tanto do ponto de vista econômico e ambiental, quanto da soberania e segurança alimentar.

No entanto cabe pautar a necessidade de políticas públicas que venham a valorizar e incentivar o uso de frutas nativas tanto em mercados institucionais, quanto nos mercados locais e regionais, como uma forma de incentivar a preservação de áreas de florestas e ainda se configurar como um potencial processo de geração de renda no campo.

Agradecimentos

Agradecimento aos agricultores da região pela oportunidade de agregar conhecimento no processo de formação.
E a Fundação Araucária pela bolsa concedida.



Referências bibliográficas

CANOSA, J. L. **Proposta Metodológica para planejamento participativo de sistemas agroflorestais junto a agricultores(as) familiares.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Universidade Federal da Fronteira Sul. Laranjeiras do Sul: 2016.

DUSSEL, E. 1492, **O encobrimento do outor** (A origem do “mito da Modernidade). Petrópolis: Cortez, 1993.

QUIJANO, A. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. In: Lander, E. (Org). **A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas** . Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

PEREZ-CASSARINO, J. Agroecologia, Mercados e Sistemas Agroalimentares: Uma Leitura a Partir da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. In: COSTA-GOMES, J. C; ASSIS, W.S. **Agroecologia: princípios e reflexões conceituais.** Brasília: Embrapa, 2013.

SANTOS, B.de S.; MENESES, M. P. G. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**, São Paulo: Cortez, 2010.